

Américo Duarte

“Só ficava chateado por ter de atacar o Cunhal daquela maneira”

publico#Isabel Nery Oliveira

publico#Isabel Nery Oliveira

Entrevista Ficaré para a História como o primeiro deputado a discursar na primeira tribuna saída da democracia: a Assembleia Constituinte. A passagem do mecânico Américo Duarte pelo Parlamento, em 1975, mostra como as possibilidades se tinham aberto com a revolução. Um tempo em que (quase) tudo era possível. Este é o primeiro trabalho de uma série que assinala mais dias de democracia do que de ditadura. Um marco que se celebra esta quinta-feira

Por Isabel Nery

De operário a soldado. De soldado a deputado da União Democrática Popular (UDP). Teve uma vida política curta, mas intensa. Como tudo o que acontece no período de transição para a democracia em Portugal. Américo Duarte, 79 anos, é um daqueles homens entre o romântico e o trágico, que ficam na história por acidente. Agora fragilizado por um Parkinson que lhe trai os músculos, mantém a memória acutilante. Talvez recompensa de todos aqueles que não se limitam a testemunhar os acontecimentos. Fazem-nos. Américo Duarte não os pediu, mas aproveitou-os. Não esperava

recompensas, mas dispensava a traição de ver negado o apoio dos camaradas de partido ao tratamento de uma filha com cancro. Durante os cinco meses em que foi deputado, nas outras bancadas, sobretudo do PPD e CDS, só via “um ninho de lacraus”, comprometido com o velho, embora disfarçado de novo, regime. Fruto do Verão Quente de 1975, quando tudo se extrema e ninguém sabe ainda se a democracia vinha para ficar, discursava na Assembleia da República, mas batia-se pela sua dissolução. Na tribuna, foi deputado sozinho – o único eleito pela UDP – e solitário. Distribuiu truculências. Insultou e foi insultado. Lutou pelos mais fracos, mas foi traído pelas avarezas da política. Sempre de pé.

Começa a trabalhar aos 11 anos, vai lutar pelas colónias e torna-se deputado. Como é que lhe acontece um percurso destes?

Fui simpatizante do PCP, na Sorefame. Na fábrica estava ligado a um dirigente do Partido Comunista, que trazia o *Avante!* e eu distribuía-o, ali e na Escola Industrial e Comercial de Sintra, onde estudava à noite. É o meu primeiro contacto com pessoas organizadas dentro do partido. Aí com 17 ou 18 anos.

Mas começa a trabalhar ainda antes, não é?

Sim, com 11 anos.

Na Sorefame, o que é que fazia?

Era serralheiro. Depois surge um problema comigo e com a empresa, em 1963. Um

companheiro meu abriu um cadeado com uma gazua, porque o servente responsável não estava e ele queria despachar o serviço. Mandaram chamar por ele e fui lá eu.

Assumiu a responsabilidade por ele.

Porquê?

Ele tinha três ou quatro filhos, metiam-no na rua. Eu não tinha problemas. Estava para entrar para a tropa. Fui suspenso quinze dias, disse que não aceitava e mandaram-me ao escritório fazer as contas. Meti a Sorefame em tribunal. O advogado do sindicato aconselhou-me a desistir, que aquilo era uma empresa muito grande e eu era parvo por meter a Sorefame em tribunal. Eu respondi-lhe que no dia do julgamento ele não falava. Quem falava era eu. Quando fui presente ao juiz, estava



RUI GAUDÊNCIO

fardado, bati-lhe a pala. Logo eu, que não gostava nada da tropa [risos]. Disse-lhe que o advogado do sindicato não estava ali para me defender. E ganhei a causa à Sorefame.

Depois disso volta para a tropa?

Sim, assentei praça em Elvas e depois fui para o Entroncamento, onde vou preso pela primeira vez.

Porque é que foi preso?

Porque andei à porrada com um sargento. [Ele] estava convencido de que era o maior. Batia nos soldados e teve o azar de me vir bater a mim. Passei a ter a alcunha de "box". Dali vim para Queluz. Era mecânico, incendeiei lá os carros todos na oficina, e como castigo levei com uma comissão de serviço em Angola, em 1966. Tudo o que faço depois é já à parte. Não tem nada que ver com o partido. Desliguei-me do PCP, precisamente por eu ter ido ter com eles, a ver se me arranjavam uma fuga para França, e eles queriam-me era em Angola. O PC não gostava que se desertasse. Em Angola fiz muitas coisas. Só eu é que sei...

Quando é que começa a envolver-se de novo politicamente?

No regresso a Portugal, em 1968. Acabou a comissão e vou trabalhar para a Lisnave, como mecânico. Dali a menos de um ano organizamos uma greve, a primeira que a Lisnave faz, em 1969. A Cuf fez várias greves, e duras, mas a Lisnave ainda não tinha feito nenhuma.

Quando chegou o 25 de Abril, já estavam organizados.

A malta da Lisnave, sim. Até pela prática das prisões. Alguns deles tinham estado no Tarrafal. O Eduardo Pires, o dr. João Pulido Valente e o Chico Martins já estavam organizados. Mas no pós-25 de Abril a máquina mais bem organizada é a do Partido Comunista. Chamavam esquerdistas e contra-revolucionários aos que eram mesmo revolucionários e tinham até provado isso antes do 25 de Abril. Os comunistas pactuavam com as situações e a malta não, queria era ir em frente, com posições mais radicais.

Radicais como? Como os saneamentos?

Fui eleito na comissão de trabalhadores e meteram-me como responsável pela comissão de saneamento. E eu fiz uma proposta, que era precisamente levar só os pides e bufos, não os indicados por quem se queria vingar do chefe.

Portanto, no fundo saneavam aqueles de quem não gostavam?

Houve quem se aproveitasse para meter muita gente na rua assim.

Como contrariou isso?

Vinham ter comigo e eu dizia logo que aquele indivíduo não ia para a rua.

Foi uma época única em termos de luta laboral.

Em 12 de Novembro de 1974 metemos na rua a maior manifestação operária do país. Íamos todos de fato-macaco, alinhados em colunas de sete elementos. Cada grupo tinha capacetes brancos, amarelos, verdes ou azuis. Organizados, como uma parada militar.

Deve ter sido uma imagem assustadora para o poder.

Quando nos viram assim tão bem organizados, os militares e o PCP ficaram preocupados. O próprio PC não concordava com a manifestação. Vem um indivíduo dizer-me que o Melo Antunes e o Vítor Alves estavam na Madragoa, na tasca dos caracóis, para falar comigo. Estavam a abster-se de deixar vir tropa para a

rua e queriam que eu lhes dissesse qual era o objectivo da manifestação. Fui lá com o Eduardo Pires. Tinham um carro à porta da Lisnave com um daqueles transmissores, em contacto com as chefias. Dizem-nos: “Estamos a pensar, e não queremos pensar nisso, que vocês vão de forma militar e querem ocupar emissores e assim.” Disse-lhe que não tínhamos ideias bélicas. Só estávamos a reivindicar melhores condições de vida.

E a manifestação fez-se.

Ficámos na História por fazermos a maior concentração e manifestação operária que alguma vez se viu em Portugal. E não houve problema absolutamente nenhum.

Quantos trabalhadores participaram?

Na Lisnave éramos onze mil e deviam estar lá metade dos trabalhadores, uns cinco mil.

Como é que a população reagiu a essa demonstração de força operária?

A partir do Cais do Sodré, os civis meteram-se todos atrás e formaram outra manifestação. Toda a gente nos batia palmas. Foi bonito. Ainda hoje fazemos um almoço comemorativo.

Como é que se dá o momento em que passa a fazer parte das listas da UDP e vai para a Constituinte?

Eu era o responsável da comissão de saneamento. Começou-se a formar a UDP e pediram-me para ser um elemento de criação do partido.

Torna-se candidato a deputado pela UDP.

Vou nas listas, mas nem sabia que podia ser eleito. Eu era o segundo, a seguir ao dr. João Pulido Valente, que já morreu, e, de repente, dizem-me: “Vais para a Assembleia porque nós vamos tirar o Pulido.”

Porque é que retiraram João Pulido Valente das listas?

Porque foi visitar um tipo que era muito rico em Angola. Era um magnata colonialista, tinha fazendas e era amigo do João [vítima de tortura e muitos anos preso em Peniche].

Diz que foi apanhado de surpresa, mas como número dois não é assim tão improvável. Porque não esperava ser eleito?

Eu estava na fábrica, numa discussão lá no escritório, onde a malta se reunia, quando me chamaram para me dizer: “Vais para Assembleia.” “Não pode ser, pá! Eu percebo lá alguma coisa da Assembleia!” É que não percebia mesmo nada daquilo. Discutir leis e coisas para as quais não estou preparado. “Eh, pá, tu és o único que podes. O João agora não pode por uma questão com a direcção.”

Como é que reagiu a essa troca de lugares?

Hoje estou arrependido de não ter forçado que o João se mantivesse. Foi um dos melhores camaradas que eu conheci, na política e na UDP. Um grande companheiro. Socialmente ele era mais do que eu, era doutor e ficava lá melhor.

Portanto, o partido foi injusto com ele?

Sim. Os que o mandaram embora, a direcção do partido. Eu estava à parte daquilo, não sabia de nada.

Mas não só vai para a Assembleia, como é o primeiro a intervir na Constituinte, acabada de eleger. Como é que isso acontece?

Sou eu que faço a primeira intervenção. Antes discutimos como é que eu podia intervir. E eu avisei que me ia inscrever logo para falar. O Henrique Barros [presidente

da Assembleia Constituinte] deu-me a palavra. Eu levava tudo escrito para atacar o Mota Amaral e o Pinto Balsemão, a Ala Liberal.

E quem tinha escrito o que foi ler?

O núcleo de apoio, que tinha uns escribas [risos]. Um deles era o Carlos Marques, o outro era o Manuel Falcão, que agora é monárquico, mas escrevia bem, e ainda o Mariano de Castro.

Qual foi a sensação de fazer a primeira intervenção na primeira sessão da Constituinte?

Às vezes fazemos das fraquezas, forças. Um gajo ali, sozinho, no meio dos trutas, homens da política. Estavam lá todos: o Mário Soares, o Marcelo Rebelo de Sousa.

Mas não vacilou?

Estava a tremer, mas comecei a disparar. Disse que eles eram elementos que pertenciam ao regime anterior. Como é que podiam estar numa assembleia antifascista, para fazerem uma Constituição, com elementos do antigo regime? “Estão aqui o Mota Amaral e o Sá Carneiro. Todos estes senhores pertencem ao regime antigo e não deviam cá estar. Não deviam ter assento nesta assembleia.” Disse que estavam ali os pides e os fascistas. Começaram todos a levantar-se, aos gritos. Foi só o começo.

Tinha treinado o discurso antes de o dizer perante os deputados?

Não. Foi à primeira. Não tinha tempo para quase nada. Nem almoçava. Quando muito, comia uns carapauzinhos no Elevador do Lavra, numa tasca que havia lá. Tínhamos a sede no Campo Santana. Iam lá bater à máquina, falavam entre eles. Púnhamos as nossas posições. Havia uns mais radicais do que outros. Discutíamos palavras que não convinham para os discursos. Mas, digo-lhe sinceramente, eu só ficava chateado por ter de atacar o Cunhal daquela maneira.

De que maneira? Como eram esses ataques ao líder do PCP?

A malta tinha aquela posição radical e não a conseguia perder. Tinham de meter aquilo, e custava-me um bocado. Chamá-lo “Barreirinhas Cunhal”. Dizer que era “um partido revisionista, que nada tem feito pelo povo; pelo contrário, tem levado o povo à miséria”. Estava na intervenção e eu tinha de ler, dizer o que eles queriam. Havia sempre elementos da direcção a assistir. Aquela malta era... Eu era deputado, vinha aos Passos Perdidos. Se me viam cumprimentar um gajo do PPD, diziam-me que não admitiam que eu fizesse isso. Mas também tive alguns que me vinham cumprimentar por causa de um discurso e eu cuspiam-lhes na mão. Se a direita gostava da minha intervenção, alguma coisa estava mal!

Isso foi com quem?

Sei lá. Um gajo do PPD. A Constituinte nem deu tempo para nos conhecermos.

Era a primeira assembleia eleita democraticamente. Porque é que tinha de ser radical?

Se não fôssemos radicais, não vencíamos. Só conseguimos ir para a frente, e não ficar nas mãos do Spínola, porque o povo veio para a rua daquela maneira. Se o povo vem devagarinho, em pés de lá, nunca tínhamos derrubado o fascismo. E tinha morrido muita malta.

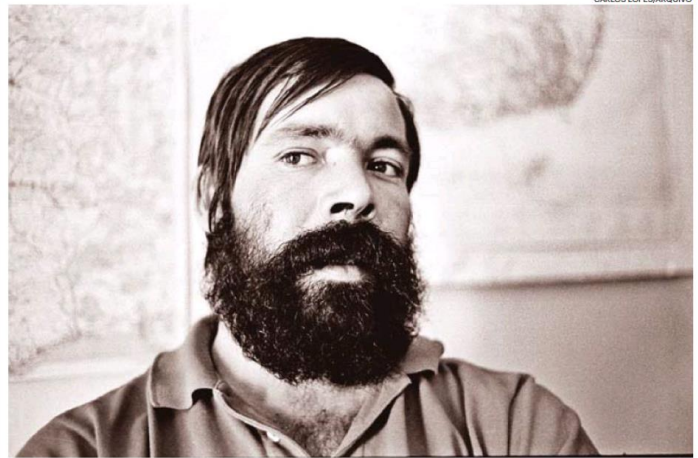
Quem era esse povo?

Era a grande maioria. Até do PS.

Mas nessas discussões que tinham anteriormente ouviam a sua perspectiva?



CARLOS LOPES/ARQUIVO



Um operário na política

No topo, cerco à Assembleia Constituinte, que decorreu entre 12 e 13 de Novembro de 1975, que deixou reféns todos os deputados, excepto os comunistas, os do MDP/CDE e Américo Duarte, da UDP: “Sou o único deputado que estou no meio dos operários da construção civil, cá fora — mas entrava quando quisesse.” Ao lado, discurso na AR do deputado único da UDP, partido com que Américo Duarte (em cima) romperia, depois de lhe ser negado apoio para exames médicos a uma das filhas, que morreria com 8 anos

Eu entrava de manhã na assembleia e já levava uma intervenção feita. Aproveitava antes da ordem do dia [da agenda da Assembleia], que era a melhor para mim. Ai dizia tudo o que pensava - as perseguições, os camaradas mortos. Denunciava tudo. Podiam estar a discutir o articulado da Constituição, as leis, mas para mim era preferível aproveitar a ordem do dia para fazer intervenções de fundo.

Preferia a ordem do dia para intervir, mas a Assembleia Constituinte foi eleita precisamente para fazer a Constituição. Na sua perspectiva, e do seu partido, não era esse o seu papel ali?

Não, não era. Queria era aproveitar aquele período para lançar as nossas ideias. **Mas vocês entendiam que a Constituinte não era importante?**



Era. Só que a Constituição que eu queria fazer não era aquela. Mesmo assim, dizem que foi a mais de esquerda, a mais avançada da Europa. Já teve muitas revisões, mas ainda há lá umas coisas que os fazem tremer.

Era só um deputado. Como é que o tratavam em São Bento?

Tínhamos um gabinete dentro da assembleia que era uma desgraça. Entregaram-nos uma catacumba, lá no fundo do palácio. Como quem diz: “Deixa-o ir lá para baixo, para o buraco. Só tinha uma cadeira.” Um dia chamei lá o contínuo da assembleia e disse-lhe para se sentar lá: “Você já é tão velho, pá.” Se calhar a idade que eu tenho agora... E ele, muito admirado: “Eu nunca vi nenhum deputado fazer uma coisa destas. Nem falam comigo, e você senta-se aí no chão para me dar a cadeira.” Vinha da Assembleia Nacional. Aquilo para ele era impensável.

Um dos resultados do radicalismo desse tempo foi o cerco à Assembleia Constituinte, que deixou reféns todos os deputados, excepto os comunistas, os do MDP/CDE e o Américo, da UDP.

Eu sou o único deputado que estou no meio dos operários da construção civil, cá fora - mas entrava quando quisesse. **Os operários da construção civil convocam uma manifestação e acabam por sitiar a própria assembleia. Como é que um protesto laboral acaba a criar reféns - e logo deputados?**

Não sei como é que começa, mas junto-me a eles no Marquês de Pombal, quando vêm já a caminho do Parlamento. Recordo-me que o Partido Comunista queria levar os manifestantes para o Ministério do Trabalho. Na manifestação estava um rapaz do Barreiro, que era



anarco-sindicalista, operário da JPimenta. Disse-lhe que o melhor era ir para a assembleia, porque lá é que estavam aqueles que podiam resolver a situação, não era no Ministério do Trabalho. Foi buscar camaradas dele e começaram a gritar: “Para a assembleia! Para a assembleia!”

Portanto, a indicação para mudarem o local da manifestação para a assembleia veio de si?

Não, eu nem pertencia à organização da manifestação. Estava do lado deles, mas não dirigia nada. Só dei a sugestão. Não discuti nada disso na UDP. Vi o Partido Comunista a querê-los levar para o ministério e tinha de boicotar aquilo. Acabou por ser espontâneo, mas ir para a assembleia é que tinha interesse.

Depois deixa de ser uma manifestação e passa a ser outra coisa. Um cerco.

Quando chegam à assembleia, começam a cercá-la.

Mas muitos dizem que foi o PCP a provocar o cerco.

Em qualquer luta mais radical o PCP não entrava. Pelo contrário, boicotava. Extremou-se muito, mas não se fazia fogo. Era só guelra.

Em algum momento tem a sensação de que aquilo está a correr mal, que se perdeu o controlo?

Nessa manifestação, tive medo. A maior parte daquela malta da construção não tem uma formação. Tinham de aguentar os gajos, senão aquilo descambava tudo. Eu podia entrar e sair. Fui lá abaixo ao bar beber uma bica. Fiquei lá a controlar aquilo. A beber uns copos e a comer umas sardinhas, à volta das fogueiras. A malta tinha de comer, não é?

Mas só os que estavam fora, porque os da assembleia ficaram sem comer a noite toda.

Também não tive pena, não morreram por isso.

O que é que encontrou lá dentro? Como estava o ambiente?

Houve muitas ameaças. Diziam que era melhor desmobilizar, porque vinha aí a tropa dar porrada, mas não houve problema nenhum. Quando desmobilizou, desmobilizou. Tudo bem, tudo encantado da vida. Vamos embora, porque já tinham falado com primeiro-ministro, que era o Pinheiro de Azevedo, que antes mandou os operários “bardamerda”.

Ele diz “bardamerda para o fascista”, porque estavam a chamar-lhe fascista. Era assim na altura.

“

Eu estava na fábrica, numa discussão lá no escritório, onde a malta se reunia, quando me chamaram para me dizer: ‘Vais para Assembleia.’ ‘Não pode ser, pá! Eu percebo lá alguma coisa da Assembleia!’

Américo Duarte

O Copcon intervém, mas só muito depois. Qual é o papel de Otelo Saraiva de Carvalho no dia do cerco?

Foram lá dizer à malta para desmobilizar, mas isso só aconteceu depois de terem ouvido o Pinheiro de Azevedo garantir que resolvia a situação dos operários, que os aumentavam.

Durante o cerco, ficou lá a noite toda?

Sim, até ao dia seguinte. Ela [a mulher] é que pagava por isto tudo. Eu até me esquecia de vir a casa. Passava semanas e semanas sem cá vir.

A política afectou a vossa vida familiar?

Hoje tenho uma filha. Eram duas. Uma faleceu com 8 anos. Na pior altura, quando eu andava na força da política. Morreu com um tumor na cabeça. Porque agradeço aos gajos da UDP... Nós precisávamos de 25

contos para os tratamentos. Eu ganhava um ordenado na assembleia, mas nunca recebi nada. A UDP é que ficava com ele.

Não tinha salário nenhum?

Não, não.

Mas ficava com uma parte desse salário? Não, não recebia nada.

Então, vivia de quê?

Do trabalho dela [aponta para a mulher]. Nem sequer assinava o pagamento. A organização é que recebia o dinheiro e assinava. Passei uma declaração a dizer que prescindia do pagamento. Está na Assembleia da República. Nem um tostão, pá... Precisava de 25 contos para fazer uma tomografia computadorizada [TAC], na clínica de Todos os Santos, a única que tinha aquela máquina. Fui à UDP dizer que tinha a minha filha com um tumor na cabeça e precisava de dinheiro. Disseram-me que também não tinham, gastavam nas coisas do partido. E foi a partir daí que... nunca mais gostei deles. Perdi a confiança toda nos gajos.

Não teve apoio nenhum?

Ironia do destino, o único homem que ajudado foi o João Pulido Valente. Foi comigo ao secretário de Estado para pedirmos uma credencial e fazer o exame fora.

Fica na Assembleia Constituinte até ao fim, ou interrompe depois do que se passou com a vossa filha?

Não, não. Depois daquela situação com a minha filha, já estava deserto para largar aquilo. Vieram ter comigo a dizer que me iam substituir. Até assinai quase de cruz, depois do 25 de Novembro. Sou substituído por aquele músico, Afonso Dias, em Dezembro de 1975.

O 25 de Novembro, que dá a vitória aos moderados, e marca o fim do Verão Quente, também dá azo a muitas versões dos acontecimentos. Como viveu essa mudança?

Vivi intensamente o 25 de Novembro, tendo participado na resistência possível ao golpe. Muitos factos estão por desvendar ainda hoje. Na madrugada do 25 de Novembro, ao sabermos das movimentações militares, principalmente as encabeçadas pelos comandos do Jaime Neves, desloquei-me à Calçada da Ajuda, junto do quartel da Polícia Militar, com o João Pulido Valente e alguns operários da Lisnave. Abrimos valas na via para impedir que os blindados alcançassem o quartel, preparando a sua defesa em conjunto com o coronel Campos Andrada, o major Mário Tomé e forças daquela praça. Houve um tiroteio que só parou porque o Tomé deu o corpo às balas, saindo desarmado da PM e apelando para que se parasse com aquilo.

Quem comandou o golpe?

Ninguém sabia do paradeiro do Otelo e não foi possível preparar uma resposta organizada às movimentações dos Comandos. Se havia um golpe em curso, teria sido da iniciativa dos Comandos afectos à ala direita militar, já que eles é que tomaram a iniciativa de cercar a PM, que estava em posição de prevenção por ordem de Costa Gomes. Encontrei-me com um dirigente da UDP e perguntei-lhe que passos se iriam dar a seguir. A resposta que me deu foi: “Ó camarada, eclipsa-te...” A partir desse momento senti estar em profundo desacordo com a organização.

Desistiu da política?

Já não faço parte de nada. Nem UDP, nem Bloco. Nada. Parei. Estou no fim de vida. Tenho esta porcaria do Parkinson.